



GT 042. Maternidades, partos e cuidado infantil: políticas dos corpos, direitos humanos e antropologia em ação

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) - Coordenador/a,
 Elaine Müller (UFPE) - Coordenador/a, Giovana
 Acacia Tempesta (UnB) - Debatedor/a, Fernanda
 Bittencourt Ribeiro (Pucrs) - Debatedor/a, Camila
 Pimentel (Fiocruz Pernambuco) - Debatedor/a

Este GT pretende dar continuidade às discussões inauguradas na RBA de 2014 e em outros fóruns de debate antropológico nos últimos anos. Se, de início, nos concentramos nos debates sobre parto, assistência médica e movimentos de mulheres na atualidade, os últimos anos têm nos dado mostra da ampliação da reflexão nesse campo. A antropologia do parto tornou-se, pouco a pouco, a antropologia das maternidades, dos corpos e da infância, tematizando literalmente o cuidado em sua vida social desde uma perspectiva de gênero. Muitos têm sido os seus desdobramentos que nos incitam a propor este grupo, quais sejam: as maternidades contra-hegemônicas; as novas parentalidades; as teorias da maternagem, a criação com apego, a disciplina positiva e seus dilemas; a vida profissional e a maternidade no século 21; as mães e deficiência no contexto do Zika vírus; aborto; os movimentos sociais-econômicos maternos; a política e a maternidade; as desigualdades e maternidades; as noções de infância; os direitos no/do parto; a pesquisadora como mãe e a antropologia feita por mães, para além, é claro, dos debates sobre assistência médica, leituras de parto, pós-parto e amamentação. Por essa razão, trabalhos que contornem esse leque investigativo serão mais do que bem-vindos no sentido de despertar diálogos antropológicos sobre direitos humanos e maternidades em amplo e em sentido amplo.

Se você abrir o armário do meu filho, só tem remédio?: reflexões sobre os impactos dos remédios utilizados pelas crianças nascidas com a Síndrome Congênita do Zika vírus.

Autoria: Ana Claudia Knihs de Camargo

Este work propõe uma reflexão acerca dos medicamentos utilizados pelas crianças nascidas com a Síndrome Congênita do Zika vírus. A infância dessas crianças, também conhecidas como "bebês de micro", sempre esteve atrelada à biomedicina e ao cenário hospitalar. Seus corpos são rotineiramente submetidos à baterias de exames e medicamentos com diversas funções: psicotrópicos, antiepilépticos, antiespasmódicos, entre outros. A lista de medicamentos utilizados é extensa e cara, envolvendo uma série de (re)arranjos sociais e econômicos na vida da família, da criança e de sua mãe, geralmente a principal - e muitas vezes a única - cuidadora. A partir das pesquisas e dos dados coletados em campo pelo projeto "Microcefalia, deficiência e cuidados: Um estudo antropológico sobre os impactos da Síndrome Congênita do vírus Zika no estado de Pernambuco", pretende-se pensar a questão paradoxal dos remédios nessa situação: muitas vezes "dopadas", as crianças não conseguem corresponder às expectativas de estímulo nas terapias e podem, assim, ser desligadas das Instituições de reabilitação por não atingirem a porcentagem de evolução esperada pelos médicos. Os remédios utilizados, entretanto, previnem as crises convulsivas, que também afetam a eficiência das terapias e colocam a criança sob risco de vida. Aqui, pretendo discutir a farmacologização da infância dos "bebês de micro", além dos impactos que o uso (ou não) dos remédios têm na vida das crianças e de suas cuidadoras.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

